

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG10 Imagens, mídias audiovisuais e ciências sociais: questões
teóricas, práticas e metodológicas

**Análise da construção da imagem do usuário de drogas nos
documentários “Cortina de Fumaça” e “Quebrando o Tabu”.**

Gabriela Pandeló Paiva

Outubro/2015

Resumo: As mudanças sobre a política de drogas adotadas por diversos países do mundo, bem como a recente quebra de paradigmas sobre o consumo de maconha vêm demandando novas maneiras de se pensar esse tema. A propagação de imagens é essencial para a construção de uma opinião pública acerca de qualquer tema relevante no critério da mídia. Dessa maneira, propõe-se a análise da construção da imagem dos usuários de drogas, especialmente de maconha, a partir de dois documentários: “Cortina de Fumaça” e “Quebrando o Tabu”, que percorrem caminhos diferentes ao tratarem da mesma temática, gerando então soluções distintas para o problema de drogas no país.

PALAVRAS CHAVE: Documentário; Usuários de drogas; Cortina de Fumaça; Quebrando o Tabu.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o avanço da tecnologia e a rapidez das informações vêm apresentando para o mundo novas possibilidades e este, por sua vez, tenta se adequar a essa pluralidade de opções. Muitas vezes, entretanto, a assimilação é mais lenta e demanda-se um esforço maior. Esta questão fica evidente ao se pensar os paradigmas vigentes em relação ao consumo de drogas em cada sociedade.

É importante ressaltar o recente crescimento dos documentários como fontes de informações, possibilitando aos indivíduos buscarem conteúdos mais completos sobre determinados temas. Os documentários “Cortina de Fumaça” e “Quebrando o Tabu” são exemplos de como esse exercício é possível, tendo em vista suas respectivas imersões na temática do consumo de drogas. Com estreia no mesmo ano, propõem representações únicas da realidade, mas que questionam o modelo vigente.

Dessa forma, o trabalho em questão consiste na análise da construção da imagem dos usuários de drogas a partir desses dois documentários, baseado na premissa de que a maneira como estes são apresentados em cada um dos filmes conduz para proposições distintas de seu papel na sociedade.

DOCUMENTÁRIOS

A mídia tem como papel fundamental servir de fonte de informação para os cidadãos. Pressupõe-se, por sua vez, que esta atue de maneira imparcial e objetiva a fim de garantir o funcionamento do sistema democrático. Porto (2004) afirma que a mídia

tem a função de impedir a propagação de valores e ideologias, principalmente aquelas que concernem aos proprietários dos meios de comunicação, na veiculação de temas políticos, já que esta prática modificaria a objetividade do tema, bem como poderia, de maneira imparcial, favorecer grupos e partidos específicos. Hackett (PORTO, 2004 apud HACKETT, 1993) adiciona ainda outro fator que compromete o conteúdo veiculado, que é a sua produção a partir de uma matriz ideológica limitada.

Uma ferramenta que se popularizou na propagação de conteúdos foram os documentários, que consistem em um gênero cinematográfico de não-ficção cujos objetivos podem ser expressos pela representação de possíveis realidades (CARVALHO, 2004). Passek (2001), em seu Dictionnaire du Cinema¹, no verbete "documentaire" (p.383) faz um panorama histórico do surgimento e desenvolvimento desse movimento filosófico e estético da sétima arte. Para citar algumas definições expostas pelo autor, temos John Grierson com "documentar um fragmento no qual é detectado um tratamento criativo da atualidade (...) geralmente, este termo designa toda obra cinematográfica não abrangida pela ficção, que se preocupa em descrever ou reconstituir o real." Com Mesguish e Doublier tem-se que "é a descrição da realidade e seu arranjo".

Ramos (2008) argumenta que a noção de verdade se aproxima daquilo que é definido como interpretação. Comolli (2004) argumenta que a parte documentária do cinema implica que os registros de ações são necessariamente referidos à realidade de sua manifestação, sendo estas provocadas ou não pelo filme. Este, por sua vez, se torna um filtro modificador da forma das coisas, mas não de sua realidade. A realidade referencial é definida anteriormente pelo cinema documentário e se impõe a ele como uma lei. Nichols (2012) argumenta que a interpretação é uma questão de se compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores. A narrativa documentária tem como analogia o estatuto de um *ensaio*, cujas asserções podem ser discordadas, mas sem perder sua qualidade de ser um ensaio. A atribuição de categorias se dá através da sua estruturação narrativa e pela forma de indexação.

Estamos definindo documentário como forma imagética-sonora que enuncia asserções, entendidas como *documentárias*, para o espectador (na medida em que esse espectador as recebe e as define enquanto tais, a partir de indexação social). É nesse sentido que definimos a asserção documentária como

¹ Tradução livre.

descolada da *verdade*, suposta enquanto entidade lógica impessoal. Sejam verdadeiras ou não as asserções; é o modo assertivo que define o documentário. (RAMOS, 2008, p. 62)

A produção documental contemporânea possui como característica a problematização do próprio filme enquanto fato, consistindo, portanto em uma construção da realidade, o que explica a preferência pelo uso da reflexividade. O documentário é responsável pela ampliação de possibilidades de se pensar a relação entre arte e política, pois proporciona "a análise de ambas dimensões enquanto fluxos que se encontram e se misturam." (SEGURADO, 2007). Assim, tem contribuído na ampliação do debate em torno de temas relacionados à sociedade contemporânea que está fortemente permeada pelas imagens.

PANORAMA DROGAS

O objetivo aqui é ilustrar o panorama sobre maconha e outras drogas a fim de contextualizar algumas ideias expostas nos documentários em questão. O primeiro deles, "Cortina de Fumaça", foca na maconha em seus variados aspectos para argumentar sobre as discrepâncias do proibicionismo - como, por exemplo, a criminalização da pobreza - e também da desinformação que os indivíduos possuem de cada substância, se estendendo então para o consumo de outros entorpecentes. O segundo, "Quebrando o Tabu", por sua vez, se limita a falar sobre a maconha como porta de entrada para outras drogas. Entretanto, discorre sobre como o proibicionismo prejudica aqueles que são dependentes a conseguirem se tratar e defende a intervenção estatal para uma política de redução de danos baseada em modelos estrangeiros. Assim, esta seção fará um apanhado sobre estas questões para uma melhor compreensão acerca do universo que permeia o conceito de usuário de drogas.

Em primeiro lugar, a política repressiva de combate ao tráfico de drogas se mostrou ineficiente. Segundo a Declaração da Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia, novas diretrizes sobre a política de drogas e as estratégias de combate ao tráfico de drogas no continente devem ser adotadas.

O modelo atual de política de repressão às drogas está firmemente arraigado em preconceitos, temores e visões ideológicas. O tema se transformou em um tabu que inibe o debate público por sua identificação com o crime, bloqueia a informação e confina os consumidores de drogas em círculos fechados, onde

se tornam ainda mais vulneráveis à ação do crime organizado. (...) Significa que devemos reconhecer a insuficiência dos resultados e, sem desqualificar em bloco os esforços feitos, abrir o debate sobre estratégias alternativas, com a participação de setores da sociedade que se mantiveram à margem do problema por considerar que sua solução cabe às autoridades. (DECLARAÇÃO DA COMISSÃO LATINO-AMERICANA SOBRE DROGAS E DEMOCRACIA, 2008)

Em segundo lugar, existem mitos sobre o proibicionismo. Segundo Saad (2010) as políticas de regulamentação do consumo de maconha tanto medicinal, quanto recreativo surgiram na metade do século XIX. Em um contexto de cientificação da medicina buscava-se a monopolização da prática terapêutica controlando a distribuição e venda de fármacos, conseguindo assim a imposição de uma legislação que lhe garantiria a exclusividade do receituário e tratamento. Dessa forma, estavam excluídos os outros métodos terapêuticos não aceitos pela medicina científica. Nos Estados Unidos nascia uma "cruzada contra as drogas" com a fiscalização do uso "não-medicinal" de drogas de origem vegetal, desencadeando

uma intensa campanha contra o uso de maconha, estabelecendo leis mais rigorosas e usando a imprensa como arma para alertar a população sobre os riscos do consumo da maconha (Adiala, 2006, p. 31). Tal guerra contra as drogas sempre esteve fortemente marcada por um caráter racial e xenófobo presente nas campanhas políticas e publicitárias. Associada a grupos sociais considerados perigosos pela maioria norte - americana branca e protestante, a maconha era relacionada aos mexicanos, assim como a cocaína aos negros e o ópio aos chineses (SAAD, 2010)

No Brasil, não muito diferente, o consumo de maconha era associado à população negra, herança escravista, e, portanto, visto como um grande mal para a sociedade que deveria ser banido. Segundo Dória (Saad 2010 *apud* Dória, 1986) a afeição pelo consumo de maconha era mais propício em indivíduos com características "degenerativas", ou seja, os de baixa condição social como "analfabetos, homens do campo, trabalhadores rurais, plantadores de arroz, canoieiros, pescadores e também nos quartéis pelos soldados tirados da escória da sociedade". Em 1971, o presidente norte-americano Richard Nixon cunhou o termo "Guerra às Drogas" dando início a uma política repressiva ao consumo de *cannabis*.

É importante ressaltar que mesmo nos dias de hoje, não só no Brasil como também em outros países, a criminalização das drogas ainda tem uma postura racista e classista. Em muitos lugares os presídios estão lotados de pessoas com acusações

relativas ao uso ou tráfico de drogas, sendo boa parte delas negras e pobres. No caso brasileiro, por lei, ser usuário de drogas é proibido, mas este não pode ser preso. Isso, entretanto fez com que milhares de pessoas encontradas com pequenas quantidades de drogas fossem presas por tráfico, gerando duas consequências importantes: a primeira é a de que os presídios abrigam uma quantidade de presos muito maior do que sua capacidade, gerando condições de vida desumanas e diminuindo qualquer chance de reabilitação; e a segunda é que esses pequenos traficantes presos são facilmente substituídos, não alterando em nada a estrutura do tráfico. Estas ideias são demonstradas nos dois filmes em questão. Um detalhe importante deve ser mencionado: estas pessoas presas por tráfico mencionadas anteriormente são em sua maioria negras e pobres. Um indivíduo branco e de boas condições socioeconômicas quando encontrado com grandes quantidades de drogas suborna o policial, argumenta que não é traficante e é liberado. Segundo a socióloga Eleonora de Lucena que foi diretora-geral do sistema penitenciário do Rio de Janeiro entre os anos de 1991 e 1994, os métodos brasileiros para lidar com essa questão apenas “enxugam gelo”.²

Atualmente, diversos indivíduos provenientes de diferentes classes sociais consomem drogas. Ao se pensar sobre um usuário, entretanto, é recorrente a imagem de pessoas pobres, vagabundas, ladras, viciadas. Essa imagem foi construída ao longo dos anos baseada, como já foi dito anteriormente, em questões raciais e também na criminalização da pobreza. São inúmeras as conotações negativas que o consumo de drogas carrega. São bem distintos também os tipos de drogas existentes e a forma na qual elas podem ser consumidas, mas de maneira geral, usá-las significa, no senso comum, carregar um estigma ruim, reforçando a desinformação acerca do assunto.

É importante ressaltar que substâncias comuns do cotidiano são consideradas drogas, como a cafeína e a aspirina, pois são capazes de alterar o funcionamento normal do organismo (ARAÚJO, 2012). Os estudos sobre os efeitos negativos acerca do consumo de vários entorpecentes já são amplamente conhecidos, entretanto faltam aqueles que discorrem sobre os possíveis efeitos positivos que estes podem causar. Além disso, pesquisas recentes mostram que o nível de malefício causado por cada uma das drogas foi reformulado. David Nutt propõe uma tabela comparativa entre as drogas de

² Entrevista publicada em 11 de janeiro de 2014, intitulada “Situação nos presídios expõe guerra contra a pobreza, diz socióloga”.

acordo com seu nível de malefício ("drug harm ranking"). O álcool aparece em quinto lugar depois da heroína e da cocaína. O tabaco aparece em nono lugar, *cannabis* em décimo primeiro, LSD em décimo quarto e ecstasy em décimo oitavo. (NUTT, 2009)

O método de redução de danos é adotado por alguns países com o intuito de diminuir as consequências negativas causadas pelo consumo de drogas. Segundo Araújo (2009), muitas pessoas não pensam em largar as drogas porque não são dependentes, e dentre as que são, muitas não tem essa intenção; assim, visam diminuir ao máximo os danos tanto para os usuários quanto para os outros indivíduos. Algumas estratégias consistem em troca de seringas, substituição de drogas (heroína por metadona), ou políticas mais abrangentes como a informação sobre os riscos reais de cada droga e a descriminalização do usuário.

Os documentários discutidos nesse trabalho perpassam por diversos âmbitos da temática das drogas, sendo que alguns foram ressaltados em detrimento de outros para uma melhor compreensão desta análise.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

O primeiro passo da metodologia utilizada nesse estudo, com o intuito de analisar a formação da imagem dos usuários de entorpecentes nos documentários em questão, foi encontrar nas duas obras aspectos que permitissem a sua classificação segundo a tipologia de Nichols (2005). Posteriormente, foram identificadas as principais personagens de cada um deles, com o objetivo de recortar os principais argumentos apresentados de acordo com sua área de atuação na sociedade. A importância de descrevê-los deve-se à sua fiabilidade enquanto especialistas de seus campos de conhecimento.

O passo seguinte da metodologia consistiu na transcrição de trechos dos documentários que continham mensagens com a atribuição de qualidades aos usuários de drogas, e portanto foram identificados como aqueles capazes de auxiliar na construção de sua imagem, a partir de categorias de análises específicas compostas através da observação dos conteúdos. Dessa forma, pretende-se, a partir do conceito de enquadramento, analisar qual imagem os diretores compõem acerca destes indivíduos levando em consideração os contextos em que se inserem. Estas composições, por sua

vez, se darão de maneiras distintas, tendo em vista as formas ímpares nas quais são concebidas. Enquanto o primeiro filme se constitui de relatos de especialistas em uma pluralidade de segmentos da sociedade brasileira e internacional, o segundo conta também com a presença de nomes influentes em suas áreas de atuação, opinando acerca das questões propostas.

A análise dos dados a serem obtidos nesta pesquisa será realizada a partir do modelo de Enquadramentos proposto por Goffman (1986). Este os define como

os princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos. Segundo o autor, tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: “O que está ocorrendo aqui?” (PORTO, 2004, p. 76 *apud* GOFFMAN, 1986)

Robert Hackett (PORTO, 2004 *apud* HACKETT, 1993), acredita que a mídia tem a capacidade de desempenhar um papel político e ideológico também quando produzido a partir de uma matriz ideológica limitada. Esta, por sua vez, consiste em um conjunto de valores que são expressos conscientemente ou não pelos emissores de mensagem e que podem possuir ou não uma intenção de manipulação. Um elemento que comanda a produção de notícias são os “enquadramentos” utilizados. Estes são determinantes na interpretação dos fatos, pois guiam o receptor da mensagem de acordo com o conjunto de valores expressados. Tankard (PORTO, 2004, p. 76 *apud* TANKARD, 2001, p. 96-97) acrescenta que “o conceito de enquadramento oferece um instrumento para examinar empiricamente o papel da mídia na construção da hegemonia, no sentido gramsciano de uma direção intelectual e moral na sociedade civil”.

Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GITLIN, 1980, p. 7).

Porto (2004) sugere três passos para a realização de uma pesquisa de enquadramento. O primeiro passo é a especificação dos níveis de análise do conceito. Há uma série de denominações propostas pelos autores, e Porto propõe as nomenclaturas de enquadramentos “noticiosos” e “interpretativos”. Os primeiros são padrões de apresentação, seleção e ênfase que os jornalistas adotam para organizarem seus relatos. Já os segundos são “padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de

temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento etc.” (p. 92) Estas podem ser promovidas por atores sociais e políticos.

O segundo passo consiste na identificação das principais controvérsias e os enquadramentos a elas relacionados. Para os enquadramentos interpretativos é importante a identificação das interpretações apresentadas sobre os temas em questão. Posteriormente, deve-se ressaltar que os atores sociais possuem capacidades distintas para influenciar os processos de enquadramento da mídia. O terceiro passo é o desenvolvimento de uma análise sistemática do conteúdo, sendo importante a adoção de categorias de classificação sistemática e protocolos para a codificação do conteúdo de mídia. É recomendável a adoção de um enfoque que integre medidas quantitativas e qualitativas.

A teoria proposta por Goffman será utilizada à medida que forem identificados os enquadramentos das cenas dos documentários, ou seja, as atribuições centrais positivas e negativas sobre o usuário de drogas e a maneira como estas contribuem para a composição do panorama das drogas.

Em geral, como na análise de conteúdo, a unidade de observação é a frase ou o parágrafo. Os atributos centrais são definidos, genericamente, como aqueles de interesse crítico para o objeto da matéria, enquanto, obviamente, os atributos secundários são complementares ao objeto. A partir destas definições básicas, trata-se de verificar como os atributos definem a estrutura narrativa da matéria e configuram a imagem do objeto descrito pela matéria (AZEVEDO, 2004, p. 58).

A imagem dos usuários de drogas como construção da realidade do problema é transmitida através de relatos, que por sua vez podem ser enquadrados de modo a passar uma imagem positiva ou negativa sobre o fato, direcionando a solução da questão. Alguns nomes relevantes aparecem nos filmes apresentando sua opinião de acordo com a área em que atuam na sociedade, possibilitando assim alguns pontos de vista distintos que compõem a visão geral sobre o tema.

Neste trabalho, foram divididos quatro grandes grupos de análise: pessoas influentes, especialistas (médicos, pesquisadores, juristas, delegados), mensagens em *off*

e usuários³. Essa divisão se dá não só por causa da recorrência de relatos desse tipo, mas também devido à importância social desses indivíduos na construção do debate, já que, como já mencionado anteriormente, os atores sociais têm capacidades distintas de influência no processo de enquadramento. Esse modo de organização é importante metodologicamente pois facilita o direcionamento das interpretações. Não foi notada nenhuma repetição de termos ou jargões que fossem consideradas relevantes para a análise.

Em “Cortina de fumaça” são analisadas 39 mensagens, sendo: 33 de especialistas; 4 mensagens em *off*; 2 de usuários. Em “Quebrando o Tabu” são analisadas 40 mensagens, sendo: 12 de pessoas influentes; 14 de especialistas; 3 mensagens em *off*; 11 de usuários.

Análise

No trabalho em questão, pretende-se analisar quais as construções hegemônicas apresentadas por cada documentário estudado em relação aos usuários de drogas. Estes carregam cotidianamente estigmas negativos historicamente construídos que não consideram outros fatores relevantes de suas realidades, impossibilitando assim uma integração digna na sociedade. Assim, ambos os filmes propõem panoramas que abordam variadas versões dessas realidades a fim de contra-argumentarem com os paradigmas atuais.

Sobre a definição de Gitlin (1980) em que enquadramentos são “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira”, pode-se ressaltar que em ambos os documentários há uma minuciosa montagem de depoimentos, muitas vezes intercalados com outro conjunto de imagens, e sincronizados com músicas instrumentais que, no conjunto, geram no espectador sentimentos condizentes com o teor das mensagens transmitidas. O mesmo ocorre quando surgem as mensagens em *off*, que consistem naquelas que não são atribuídas a nenhum dos entrevistados diretamente, mas que têm a função de

³ Os usuários são indivíduos relatando suas experiências com drogas.

complementar as informações e argumentos propostos, seja por estes ou pelo próprio diretor.

A proposição metodológica de Porto (2004) se inicia com a identificação dos enquadramentos em noticiosos ou interpretativos. Sobre as falas transcritas para a realização deste trabalho, todas se encaixam na denominação interpretativa, já que exprimem avaliações sobre os contextos apresentados sendo realizados por atores sociais e políticos.

ANÁLISE DOS GRUPOS DE MENSAGENS

Esta seção será dividida entre quatro grandes grupos de mensagens, utilizados para uma melhor organização das interpretações, como já explicado anteriormente. Os trechos aqui reproduzidos servem exemplos representativos dos argumentos apresentados nos documentários.

Pessoas Influentes

As pessoas influentes que aparecem em “Quebrando o Tabu” são indivíduos que não têm o status de especialistas na questão das drogas, mas que dão depoimentos sobre suas experiências no assunto. Pertencem a diferentes setores da sociedade como ex-chefes de Estado, escritores, executivos ou programas de televisão. Entre doze relatos coletados, oito eram de ex-chefes de Estado. Dos quatro outros depoimentos, dois são do escritor Paulo Coelho, um do executivo Gregory Lannes, e o último é um trecho de reportagem da emissora de televisão Rede Globo.

[46:44-47:04]

Áudio: sem áudio

Vídeo: reportagem da Rede Globo mostrando imagens de um parque com pessoas injetando drogas

Narrador em off: A polícia fazia vistas grossas. A ideia era restringir os viciados a uma área específica da cidade, sob fiscalização discreta. Esta era a teoria. Mas na prática, o que os suíços criaram foi um foco de atração para traficantes, viciados e portadores do vírus da AIDS.

[55:52-56:23]

Áudio: Música instrumental calma

Vídeo: Paulo Coelho falando

Escritor (Paulo Coelho): *O grande perigo da droga é que ela mata a coisa mais importante que você vai precisar na vida, que é o seu poder de decidir. A única coisa que você tem na sua vida é o seu poder de decisão. Você quer isso ou você quer aquilo. Então seja aberto, seja honesto, diga isso, é realmente a droga é fantástica, você vai gostar, mas cuidado ein, porque você não vai mais poder decidir mais nada, já basta isso, basta isso.*

[59:53-1:00:08]

Áudio: Música instrumental calma

Vídeo: Ruth Dreifuss falando

Ex-chefe de Estado (Ruth Dreifuss): *Reprimir o usuário tinha uma consequência terrível: dificultava a prevenção. Ficava difícil comunicar-se com os dependentes quando sempre havia a ameaça de perseguição criminal.*

O status de pessoas influentes é relevante, pois estes indivíduos possuem discursos e práticas que de alguma maneira interferem na sociedade na qual estão inseridos. No caso do primeiro exemplo, a reportagem da Rede Globo, a mais influente emissora do país produz um enquadramento negativo sobre os usuários, chamando-os de viciados e igualando-os de forma negativa aos portadores de HIV. O escritor Paulo Coelho, por sua vez, coloca os usuários como submetidos a uma alienação causada pelas drogas, que são tão incríveis que fazem com que seus consumidores se percam nela. Já o depoimento de Ruth Dreifuss apresenta um enquadramento neutro, se opondo à repressão dos consumidores de drogas na busca por melhores soluções. Têm-se nessa seção, portanto, que os usuários são considerados seres marginalizados pela sociedade e sem poder de decisão, mas que não devem ser oprimidos já que necessitam de ajuda.

Especialistas

As falas dos especialistas em “Cortina de Fumaça” geram um panorama complexo sobre a questão das drogas. Vários nomes importantes aparecem, entre eles Henrique Carneiro, Amanda Fielding, David Nutt, Ethan Nadelmann, Thiago Rodrigues, Elisaldo Carlini, Dartiu Xavier, Orlando Zaccone. Em primeiro lugar, o consumo de drogas sempre existiu em todas as civilizações, adotando principalmente três papéis principais: o recreativo, o medicinal e o sagrado. O processo de alteração da consciência é algo que sempre foi e sempre será realizado, e portanto os enquadramentos aqui são positivos.

[5:53-6:12]

Áudio: Música instrumental suave

Vídeo: pintura de floresta, voz em off

Historiador (Henrique Carneiro): O uso de drogas ele é tão ancestral como a seleção da flora disponível em diferentes regiões do mundo pra alimentação. Ao se buscar plantas que alimentavam, os seres humanos, no período pré histórico, descobriram que além digamos de alimentar o estômago, tinham um efeitos psicoativos, efeitos sobre a mente.

[6:30-7:02]

Áudio: Música instrumental suave

Vídeo: António Escotado falando

Professor Universitário (António Escotado): As drogas na antiguidade tinham basicamente três finalidades: por um lado recreativas. Imagina um casamento sem álcool, seria inconcebível não ter bebida. Por outro lado médicas, e por outro lado, muito importante, sagradas, ou seja, em ritos de iniciação ou de passagem onde está a origem da religião cristã.

A classificação moderna dos riscos de cada droga, onde, por exemplo, a maconha aparece como mais nociva que o álcool e o tabaco, é apresentada como equivocada, e um dos motivos pelos quais isso ocorre é a frequência do consumo. Estes riscos, por sua vez, podem ser minimizados através de orientações adequadas sobre como utilizar cada droga. Há aqui um enquadramento positivo sobre o consumo de maconha pois ele aparece como menos prejudicial do que se imaginava. A falta de conhecimento sobre riscos e benefícios do uso de drogas é criticada, pois gera preconceitos que desqualificam os usuários, que recebem então um enquadramento neutro.

[11:17-12:08]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: David Nutt falando

Psiquiatra (David Nutt): Uma das surpresas dos nossos resultados foi como o álcool e o tabaco aparecem no alto da lista. Tabaco aparece bem alto, mais acima do que a Cannabis principalmente por causa dos prejuízos no pulmão e no coração causados por fumar. Álcool aparece ainda mais acima, principalmente pelos danos causados à sociedade. Ecstasy se mostrou bem abaixo na lista. Lá em baixo mesmo. E a razão disso é que muito do que se disse do ecstasy foi mal exagerado. Há relativamente poucas mortes. Há algumas, ainda é uma droga perigosa, mas você pode minimizar o risco de morte com cuidados adequados, por exemplo se você ensinar aos jovens que usam ecstasy sobre não se desidratarem, sobre o que comer e beber e sobre como lidar com os

seus efeitos quando dançam muito. Assim podemos realmente reduzir os riscos do ecstasy.

[13:11-13:42]

Áudio: *Sem áudio*

Vídeo: *Amanda Fielding falando*

Fundadora da Fundação Beckley (Amanda Fielding): *O grande público é completamente ignorante com relação a essas substâncias. Ele tem um medo visceral delas. Por alguma razão isso continua ao longo dos anos. Por isso, na Fundação Beckley a pesquisa científica reflete a pesquisa de políticas porque sem fazer a pesquisa científica você não pode demonstrar quais são os benefícios em potencial nem os verdadeiros danos.*

A dependência que a maconha causa em seus usuários é mínima e a tese de que esta seria a porta de entrada para outras drogas é algumas vezes refutada. Entre os argumentos para isto, pode-se destacar o fato de que cada droga produza um efeito diferente no organismo, e também porque boa parte dos usuários aparece como recreativos e abandona seu consumo espontaneamente. Uma explicação para a existência dessa tese é a de que a maneira negativa de como uma informação é passada causa efeitos opostos gerando reações preconceituosas; não é porque uma pessoa ficou dependente que todas as outras têm que parar de consumir. Ainda que o termo “dependência” carregue um caráter negativo nesse grupo de mensagens, o enquadramento que os usuários recebem é positivo, já que a dependência é mínima e não os leva a outras drogas.

[41:14-41:26]

Áudio: *Sem áudio*

Vídeo: *Elisaldo Carlini falando*

Médico (Elisaldo Carlini): *quando fala-se que a maconha produz dependência, é uma discussão enorme que eu tenho aqui com outros representantes que dizem que a maconha produz dependência. Gente, se produz dependência, ela é suave e muito pouca.*

[41:38-41:57]

Áudio: *Sem áudio*

Vídeo: *Renato Malcher Lopes falando*

Neurocientista (Renato Malcher Lopes): *A pessoa pensa a maconha é droga de entrada pra cocaína, droga de entrada pra heroína. Essa visão é totalmente desconectada da razão porque os motivos pelos quais cada uma dessas drogas são usadas são diferentes. A maconha é um relaxante, a cocaína um estimulante, então são efeitos completamente opostos.*

[41:58-42:23]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Dartiu Xavier falando

Médico (Dartiu Xavier): Isso é um mito, isso não tem fundamentação científica. Os estudos epidemiológicos mostram em par que maconha não é porta de entrada, e a grande maioria dos usuários de maconha não migrou para drogas mais pesadas, e mais outro dado, a grande maioria dos usuários de maconha abandonou espontaneamente o uso de maconha depois de alguns anos sem a necessidade de qualquer tipo de tratamento. A única substância que pode ser a porta de entrada pra drogas mais pesadas é o próprio álcool.

As políticas proibicionistas são oriundas de ações preconceituosas contra minorias raciais e étnicas e baseadas em moralismo. As drogas não são um problema de saúde pública que cabe ao Estado resolver, e sim uma questão de decisão individual que deve ser tratada na esfera social. Estes argumentos podem ser relacionados com questões relativas à criminalização da pobreza, já que a proibição esconde os problemas sociais que levam as pessoas a usarem drogas como a pobreza e o desespero. As políticas proibicionistas então recebem um enquadramento negativo, já que são prejudiciais à sociedade de uma maneira geral. A imagem dos usuários se constrói então de uma forma positiva pois vários estigmas negativos que carregam são refutados e reconstruídos ao longo do documentário.

[48:55-50:54]

Áudio: Sem áudio com a inserção de música instrumental de clímax no final

Vídeo: Ethan Nadelmann dando uma palestra

Fundador do Drug Pollicy Alliance (Ethan Nadelmann): Nos anos 1870, 1880, os principais usuários de drogas vindas do ópio em meu país, talvez no de vocês, eram mulheres de meia idade, a maioria mulheres brancas de meia idade. Ópio, morfina. E quer saber de uma coisa? Ninguém pensou em fazer uma lei criminal relacionada ao ópio quando seus usuários principais eram mulheres brancas de meia idade. Mas então, quando os chineses vieram para os EUA, eles trabalhavam oitenta, noventa horas por semana nas estradas, nas minas e em todo lugar. E à noite fumavam seus cachimbos de ópio, exatamente como faziam no país de origem, como outras pessoas que bebem álcool à noite. Mas o medo era: o que esses chineses fazem nessas casas de ópio com nossas mulheres e crianças... quem eles vão viciar e estuprar? As primeiras leis contra a cocaína nos EUA foram no sul do meu país, direcionada a negros que trabalhavam nas docas em New Orleans e outros lugares e o medo era: esses negros enfiam esse pó branco nariz a dentro e se vêem poderosos e estupram nossas mulheres brancas. A primeira lei contra a maconha foi direcionada a americanos de origem mexicana e imigrantes mexicanos vindo para os EUA roubando bons empregos de bons homens

brancos, voltando pra casa no final da noite e fumando seu cigarro de maconha. E o medo era: o que esses mexicanos de pele escura fariam com nossas mulheres e crianças?

[57:50-57:57]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: fundo preto com imagens de filmes antigos que falam sobre maconha, voz de Denis Russo Burgierman em off

Jornalista (Denis Russo Burgierman): Essa história de que quem tá envolvido com drogas é um demônio que quer corromper o resto de nós, isso não se sustenta, isso simplesmente não é verdade.

[57:58-58:14]

Áudio: Música instrumental de clímax

Vídeo: imagem de campanha anti-drogas intercalado com Cristiano Maronna falando

Advogado (Cristiano Maronna): Esse discurso da pureza, da virtude né, na verdade embute uma ideia autoritária, numa democracia, o vício e a virtude eles convivem no mesmo lugar, nas mesmas pessoas, ninguém é absolutamente bom ou absolutamente mau.

[59:20-59:55]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Thiago Rodrigues falando intercalado com imagens de notícias sobre violência

Professor de RI (Thiago Rodrigues): O discurso da saúde pública veio colado ao discurso moral, aí proíbe-se. Aí ao proibir vem um terceiro nível, que é o problema de segurança pública. E quando você proíbe e o mercado não termina, mas o mercado passa pra ilegalidade, são inventados inúmeros criminosos que não havia, então da noite pro dia o proibicionismo pretendeu acabar com o uso de drogas, e da noite pro dia, o proibicionismo só inventou criminosos, usuários entendidos como criminosos e mercados entendidos como criminosos.

Em “Quebrando o Tabu”, por sua vez, os especialistas seguem um rumo distinto. Aqui, o usuário aparece também como uma espécie de traficante que compra drogas e revende para os colegas. Muitas vezes, o jovem quer ser transgressor, ou necessita de uma válvula de escape, e acaba se tornando dependente já que uma droga leva à outra, sendo a maconha a porta de entrada para elas. Nota-se então que duas qualidades negativas são atribuídas ao usuário, “traficante” e “dependente”, sendo a primeira simbolicamente e socialmente mais degradante que a segunda. O enquadramento, então, nesse grupo de mensagens, é predominantemente negativo.

[14:23-14:48]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Dráuzio Varella falando

Médico (Dráuzio Varella): Na verdade todo usuário de drogas é traficante, porque o usuário compra a droga de alguém, e usa, e ele vende pra um amigo, ou dá pra um amigo. Como a droga é criminalizada, é um crime você possuir a droga, não vão dez pessoas comprar se uma só pode comprar e dividir entre as dez. E o menino que usa droga percebe que dessa maneira também se ele vender um pouquinho mais caro, a dele sai de graça.

[55:19-55:51]

Áudio: Música instrumental calma

Vídeo: Dráuzio Varella falando

Médico (Dráuzio Varella): Não pode mentir pra criança, dizer que a droga mata, porque aí ele fuma um baseado e fica num estado de nirvana e vai achar que a gente mentiu, e vai confiar mais no amigo que vai dizer pra ele depois que o crack também é melhor até porque dá mais reação. Só que aí tem dois problemas: primeiro, o prazer vai diminuindo à medida que você usa, aí você vai ter que aumentar a dose, e a droga provoca dependência. Dependência quer dizer o quê? Que você vai passar o resto da sua vida atrás da droga, sua vida vai se resumir a isso.

São muitos os casos em que os usuários querem se livrar da dependência, mas não conseguem devido à marginalização e a falta de quem recorrer, por isso cabe ao Estado dar ajuda médica em vez de punição, para evitar também que os indivíduos cheguem longe demais em seus vícios. Ao criminalizar um usuário, levando ele à cadeia, ele vai se tornar mais dependente do que quando entrou. A criminalização dos consumidores de entorpecentes, portanto, é um enquadramento negativo, já que lhes gera malefícios.

[27:16- 27:46]

Áudio: Música instrumental dramática

Vídeo: FHC e Dráuzio Varella em um presídio

Ex-chefe de Estado (FHC): Mas e o quê que tem sido feito, até agora, pra reduzir o consumo de drogas? Mandar o usuário pra cadeia.

Médico (Dráuzio Varella): É uma alternativa você mandar pra cadeia o usuário, mas não se resolve o problema. E onde você vai construir cadeia pra tanto usuário? Cadeia tem uma coisa interessante, você acabar com droga em cadeia é impossível.

FHC: e todas as cadeias do mundo são assim?

DV: em todas as cadeias do mundo é assim. Não tem uma cadeia do mundo que não tenha droga.

[28:26-28:57]

Áudio: Música instrumental lenta e dramática

Vídeo: Dráuzio Varella falando

Médico (Dráuzio Varella): Essa semana ainda atendi uma moça de vinte e poucos anos, mãe de três filhos, que disse “eu to aqui por causa da cocaína, e aqui dentro eu não consigo parar de usar, faço dívida, depois tenho maior dificuldade pra conseguir pagar.

Eu quero parar, pelo amor de Deus, me ajuda doutor.” E eu fico olhando feito um idiota pra ela, uma sensação de frustração total, porque você não tem o que oferecer, o que eu vou dizer pra ela? Eu digo: olha, tenta ficar longe. “Como é que eu posso ficar longe se a minha parceira, a minha companheira de cela usa?”

Ao mostrar o cenário holandês, pretende-se reproduzir um modelo que tem se mostrado eficiente, onde o usuário é descriminalizado e as taxas de consumo são menores do que em outros países. Sua política de redução de danos possibilita aos usuários que não sofram de abstinência, e também limitam o risco de overdose, além de afastá-los dos traficantes. O usuário aparece assim como um doente, tanto enquanto dependente químico, quanto em um possível transmissor de HIV e hepatite C. O afastamento do tráfico, que é negativo, e a redução dos problemas de saúde dos indivíduos são enquadramentos positivos. Entretanto, a conotação de doente é negativa, tendo em vista que a dependência química pode receber conotações negativas ou neutras variando de acordo com as substâncias envolvidas, e também porque a generalização dos usuários como portadores de HIV ou hepatite C é socialmente hostil.

[42:28-43:17]

Áudio: Música instrumental lenta

Vídeo: sala de consumo em Amsterdã

Ex-chefe de Estado (FHC): A política de redução do dano tem a ver com o seguinte: quando a pessoa já está de tal maneira adicta à droga, que não tem alternativa, você tem que pelo menos oferecer um local limpo, seguro em que ela não vá usar uma seringa infectada, onde ela não vá se submeter a uma overdose. Então você está cuidando de reduzir o dano que a droga causa na pessoa.

Coordenador da Sala de Consumo de Drogas de FleggenboogGroep – Amsterdã (Cedric Charvet): Eu trabalho na Sala de Consumo e vejo que, muitas vezes, como eles usaram heroína por muitos anos, ou metadona, quando não usam, ficam doentes. É o que chamamos de crise de abstinência. E para não ter essa crise, o dependente precisa usar drogas. Então eles usam heroína para poder viver normalmente. Você entende? Não é normal estar chapado ou doído, e sim ser normal.

[43:37-44:07]

Áudio: Música instrumental lenta

Vídeo: FHC falando e depois de volta à Sala de Consumo

FHC: É terrível ver isso, mas você vê também que ali está um doente e não um criminoso, e é isso que a Holanda está fazendo, ela está cuidando do doente, reduzindo o dano.

Cedric Charvet: Isso significa que limitamos o risco de overdose, isso é bastante claro... E também limitamos o compartilhamento de seringas entre usuários, o que diminui o

risco de transmissão de doenças infecciosas, como o HIV ou hepatite C. Nas salas de consumo, conseguimos chegar ao menor nível de contaminação de HIV já atingido.

Mensagens em off

Em ambos os filmes, as mensagens em *off* têm a função de apresentar dados ou ilustrar falas. Alguns exemplos em “Cortina de Fumaça” e “Quebrando o Tabu”, respectivamente:

[1:16:45-1:17:09]

Áudio: *Música instrumental calma*

Vídeo: *fundo preto com os dizeres em branco “As drogas são uma tragédia para os viciados, mas criminalizar o uso transforma essa tragédia num desastre para a sociedade, para os usuários e para os não-usuários igualmente. Nossa experiência com a proibição das drogas é uma repetição da nossa experiência com a proibição das bebidas alcoólicas. Milton Friedman – Prêmio Nobel de Economia”*

[1:02:31-1:02:47]

Áudio: *Música instrumental calma*

Vídeo: *fundo preto com um mapa de Portugal em verde ao lado dos dizeres “Portugal desde a descriminalização” [mapa muda para seta em verde apontando para baixo ao lado dos dizeres] “as taxas de HIV entre usuários têm caído”, “o uso de drogas entre adolescentes diminuiu”, “e as taxas de consumo de maconha estão entre as mais baixas da União Européia”.*

Na primeira mensagem é importante ressaltar que a criminalização prejudica não só os usuários, mas também o restante da sociedade, transformando a tragédia dos viciados em um desastre generalizado. Aqui, mais uma vez, a criminalização dos usuários recebe um enquadramento negativo. É importante ressaltar o efeito visual de impacto e comoção na qual a mensagem é apresentada, gerando um sentimento de simpatia com os argumentos citados. Já na segunda mensagem existe a relação entre a descriminalização, a diminuição de usuários com HIV e o consumo entre adolescentes, complementado pelo dado do consumo de maconha ser um dos mais baixos da União Europeia. Aqui são apresentados argumentos baseados em dados quantitativos omitidos. A descriminalização recebe um enquadramento positivo pois gerou boas consequências para a sociedade. A forma como a mensagem é apresentada, com mapa e seta coloridos, chama a atenção do espectador que confirma mentalmente os argumentos apresentados até então.

Usuário

No documentário “Cortina de Fumaça” existem apenas duas falas diretas de usuários (ou ex-usuários) de drogas. A primeira delas consiste em um homem que relata a descoberta de um câncer e a passagem pelos tratamentos de quimioterapia e radioterapia, nos quais sofria muito com os efeitos colaterais. Passou então a plantar a própria maconha em casa para utilizar como um medicamento auxiliar que aliviasse as mazelas causadas pelo tratamento, relatando que se sentiu muito melhor. Este indivíduo, entretanto, está sendo processado por tráfico de drogas.

[31:29-35:56]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Alexandre em sua casa contando seu relato, mostrando receitas e suas plantas de maconha

Usuário de maconha medicinal (Alexandre): Em 2002 eu percebi algo estranho no meu corpo. Eu aqui nessa região do pescoço, começou a surgir um carocinho, parecia insignificante, mas forma muito rápido assim, em questão de dois meses já era uma coisa saliente bem relevante. Eu cheguei no médico, um cirurgião de cabeça e pescoço, e ele falou “Alexandre isso é muito grave. Tu vai ter que fazer uma cirurgia urgente”. Tiraram uma parte desse material, desse nódulo, pra análise, pra ver que tipo de problema seria. E foi quando o médico deu a triste informação de que aquilo era um tumor maligno. Esse foi o médico que fez a minha cirurgia que solicitou “encaminhar Alexandre Thomaz, 33 anos, portador de neoplasma maligno, provável linfoma...” eu na verdade não tinha plano de saúde, fui pra fila do SUS lá conseguir uma medicação tal, uma coisa assim, e comecei o propriamente dito tratamento de quimioterapia. Essa aqui acho que é a que mais choca “O paciente encontra-se em acompanhamento quimioterápico e radioterapia pelo CID C85-9”. Diante dessa notícia eu senti que meu mundo tinha caído assim, eu me senti fraco, e tu já começa a contabilizar quanto tempo de vida tu pode ter. Foi prescrito oito sessões com intervalos de vinte dias, só que na sexta meu organismo já não aguentava mais. No momento em que ela botava a agulha eu já tinha uns baldes pra vomitar e era um enjôo, uma coisa terrível. E em determinado momento o médico ele comentou que ele não poderia me receitar, mas ele comentou que se fosse em outros países do primeiro mundo, provavelmente os médicos recomendariam o uso da Cannabis. E eu comecei a pesquisar, ver como é que era, relatos de outros pacientes e até tomei a iniciativa de importar, comprar umas sementinhas da Holanda num site, e comecei a incluir na minha horta, nas minhas ervas medicinais, eu comecei a plantar também. Nessa horta aqui de dez canteiros, era esse pedacinho aqui ó. Nesse pedacinho então eu tinha em torno de dez pés mais ou menos que como nosso clima aqui no sul é uma colheita por ano, então no verão eu tinha que cultivar aquilo que eu ia precisar pro ano todo. O enjôo da quimioterapia era tão forte que realmente, naquela semana tu ficava pra baixo, acabei até indo procurar tratamento psiquiátrico. Esse tratamento psiquiátrico, o médico me dava Tranquinal, e no fim eu comecei a ficar pior

ainda e eu acabei trocando, ao invés de comprar esses medicamentos de laboratórios, foi na mesma época que eu comecei a colher as primeiras flores da Cannabis, e automaticamente foi substituir, troquei o químico pelo natural. Aí quando eu comecei a radioterapia, então foram ao todo vinte e cinco sessões, eles fizeram uma máscara de chumbo e davam radiação só nessa região onde tinha esse tumor. Além de perder o gosto de se alimentar, de sentir o sabor dos alimentos, perde totalmente o apetite, tu fica desinteressado em comer, tu sabe que aquilo vira uma obrigação porque tu não sente gosto, então nesse período a Cannabis sempre me acompanhou, me ajudou bastante, causou um bem-estar, me deu até uma sensação de prolongamento de vida que eu acabei incorporando assim como tem outros chás que eu tomo melissa, erva cidreira, eu também tinha Cannabis. [Imagem congelada em Alexandre mexendo em suas plantas de Cannabis com os dizeres em branco “A partir de uma denúncia anônima, a polícia invadiu o sítio de Alexandre que foi indiciado como traficante. Ele agora luta para que o Ministério Público promova denúncia apenas como usuário e para conseguir o direito de retornar seu tratamento plantando a própria maconha”].

Nesse relato, nota-se um paciente com câncer descrevendo sua experiência ao incluir a *cannabis* em seu tratamento. O uso da maconha medicinal recebe um enquadramento positivo pois ajudou o seu corpo a tolerar melhor a quimioterapia e a radioterapia. A partir da intervenção policial, entretanto, foi acusado de traficante por plantar sua própria erva ao invés de conseguí-la no mercado negro, sendo então um enquadramento negativo para o usuário.

O segundo relato, por sua vez, é de um ex-usuário de “drogas pesadas” que afirma que a maconha o ajudou a sobreviver no processo de desintoxicação. Completa então dizendo que não é a erva em si que encaminha as pessoas a experimentarem outros tipos de drogas, e sim o traficante que alicia para esse caminho.

[42:23-43:00]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Marco Renda falando

Ex usuário/editor chefe da revista *Treating Yourself* (Marco Renda): *sou um viciado em recuperação, estou “limpo” há treze anos e a maconha me ajudou a sobreviver, não me levou para outras drogas. A porta de entrada é a proibição, é o mercado negro porque quando você vai comprar a maconha na esquina com o traficante, um dia ele vai dizer “não tenho maconha, mas tenho cocaína, ecstasy, heroína... experimenta isso e isso” Essa é a porta de entrada; a proibição, o mercado negro, aquele traficante, não a planta.*

Neste relato, por sua vez, temos um usuário em recuperação que relata como a maconha o ajudou a sobreviver ao longo de seu tratamento de abstenção, ou seja, um enquadramento positivo. Ele adiciona, por sua vez, que a maconha não é porta de entrada para outras drogas, e sim o traficante, o mercado negro, que induzem os usuários a experimentarem substâncias novas. O tráfico e a proibição, portanto, recebem enquadramentos negativos.

Já em “Quebrando o tabu”, são apresentados mais relatos diretos de usuários, mas apenas um possui uma visão amena. Esta consiste em um usuário que diz não gostar de comprar maconha de traficantes, mas fazê-lo por não ter outra opção.

[13:15-14:22]

Áudio: música instrumental lenta

Vídeo: usuário preparando um cigarro de maconha

Usuário (Denis R.): *ah eu não acho que seja minha culpa financiar o tráfico porque eu não tenho outro jeito de fumar um “beck” sem ser ir na biqueira e trocar ideia com o traficante, os cara tudo armado. Se for pego pela polícia, tomar porrada, tapa na cara, ninguém gosta. A única vez que aconteceu eu tava indo na biqueira e entrou duas viaturas no maior pau, eu ouvi uns tiroteios lá em cima. Eu não me sinto nem um pouco seguro, mas é o caso, eu não tenho outro jeito de conseguir sem ser ir lá, então eu prefiro ir lá do que ficar sem. Minha mãe, ela acha isso o cúmulo, não, ela morre de medo que eu tenha contato com bandido, com traficante, que na cabeça dela ela vê a biqueira onde eu pego um lugar super perigoso, cheio de gente armada.*

Aqui, o usuário lamenta ter que comprar maconha de traficantes mas afirma não ter outra maneira de conseguir. Relata sua insegurança em ir atrás da droga em meio aos traficantes e ainda sofrer com as intervenções policiais violentas. O consumo da droga é abordado com um enquadramento neutro, pois não há atribuições de qualidades sobre o consumo do indivíduo, o tráfico e a criminalização do usuário recebem enquadramentos negativos, pois geram medo e insegurança.

Os outros relatos falam de dependência de drogas pesadas, da experimentação de drogas para se encaixar, de como ela suga para caminhos ruins, para a dependência.

[30:22-30:47]

Áudio: música instrumental lenta

Vídeo: usuária falando dentro do presídio com a imagem borrada, FHC e Dráuzio Varella ao fundo

Usuária 1 (presidiária): Fui pega numa biqueira, fui comprar, fui usar a droga, e a policia apareceu na hora e eu vim presa.

Usuária 2 (presidiária): eu comecei a usar com dezesseis anos através do meu ex-marido, eu achava que se eu usasse, ele ia gostar mais de mim, então eu entrei nessa pra ver se, sabe, tenho um problema de muito tempo, problema sério de saúde através do uso do crack por causa do que eu não fumo cigarro, não fumo maconha.

No diálogo em questão a primeira usuária afirma que foi presa quando comprava crack. Já a segunda afirma que começou a usar crack para se encaixar em uma situação social, e que isso lhe gerou problemas de saúde. Existem aqui, então, o enquadramento negativo da criminalização do usuário, e também o enquadramento negativo sobre a falta de auxílio no âmbito da saúde para os problemas causados pelo vício.

Outros fatores que aparecem também são a disseminação do HIV e a criminalização e a ineficácia da repressão, todos enquadramentos negativos. Nos exemplos holandeses, os usuários recebem ajuda do Estado e conseguem lidar melhor com seus vícios. No caso português apresentado, o usuário foi encaminhado pelo tratamento pelo Estado e conseguiu atingir a abstenção.

[47:44-48:29]

Áudio: musica instrumental lenta

Vídeo: ex-usuário falando em uma Sala de Consumo

Ex-usuário de heroína (Jean Claude Etienne): Esse sistema permitiu que eu me mantivesse saudável enquanto consumia drogas. É obvio que consumir produtos nocivos faz mal à saúde, mas, se os meios de consumo são mal administrados, os efeitos colaterais podem ser bastante sérios. Eu pude evitar esses riscos graças à existência desse sistema. E assim, pude reconstruir minha vida de um modo menos destrutivo. Estou há dois anos sem consumir drogas.

Aqui, o usuário holandês enquadra positivamente o método do governo de redução de riscos através de salas de consumo, pois assim ele consegue levar a sua vida de maneira mais tranquila, sem a destruição causada pela droga e também sem a sua abstinência.

De uma maneira geral, os únicos enquadramentos positivos aparecem quando os usuários recebem ajuda para se tratar, porque o consumo aqui aparece de uma forma negativa, onde as pessoas são levadas para a dependência e têm dificuldades para sair.

[1:01:06-1:01:26]

Áudio: Música instrumental lenta

Vídeo: sala de julgamento de um usuário de drogas em Lisboa

Usuário: Eu consumia heroína. Então chegou a um ponto em que inevitavelmente a polícia descobriu heroína comigo. Fui encaminhado para a Clínica Taipas e iniciei o tratamento. Tive 100% de abstinência por volta de cinco meses.

Considerações

Sobre as ideologias e relações sistemáticas encontradas nas falas transcritas é necessário pontuar, destarte, o termo "progressista" como um antônimo de "conservador". O emprego deste termo será utilizado para se referir às falas consideradas como portadoras de mensagens que condizem com o avanço do debate, no sentido de questionarem os valores vigentes. Dito isso, parte-se para a identificação em cada um dos filmes. Em "Cortina de Fumaça" foi predominante a presença de uma ideologia progressista na fala de diferentes especialistas. As relações sistemáticas que podem ser identificadas na fala de Thiago Rodrigues, por exemplo, é a de que sua experiência em analisar a sociedade o tenham levado para uma postura que preveja mudanças no sistema vigente.

[57:41:57:49]

Áudio: Música instrumental de clímax

Vídeo: Thiago Rodrigues falando intercalado com fundo preto com imagens de filmes antigos que falam sobre maconha

Professor de RI (Thiago Rodrigues): O proibicionismo ele é constituído por camadas né, e talvez a primeira camada, a camada mais basal seja o moralismo.

[58:15- 58:30]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Thiago Rodrigues falando

Professor de RI (Thiago Rodrigues): Logo imediatamente vem uma outra camada, que é o discurso da saúde pública, que é uma camada de discurso médico sanitário, que vai dizer, vai tentar afirmar que as drogas, algumas drogas são perigosas pra saúde individual e coletiva, então por isso elas precisam ser proibidas.

[59:20-59:55]

Áudio: Sem áudio

Vídeo: Thiago Rodrigues falando intercalado com imagens de notícias sobre violência

Professor de RI (Thiago Rodrigues): O discurso da saúde pública veio colado ao discurso moral, aí proíbe-se. Aí ao proibir vem um terceiro nível, que é o problema de segurança pública. E quando você proíbe e o mercado não termina, mas o mercado passa pra ilegalidade, são inventados inúmeros criminosos que não havia, então da noite

pro dia o proibicionismo pretendeu acabar com o uso de drogas, e da noite pro dia, o proibicionismo só inventou criminosos, usuários entendidos como criminosos e mercadores entendidos como criminosos.

Em "Quebrando o Tabu", por sua vez, há a presença da ideologia progressista e da conservadora, às vezes misturadas. Nas falas sobre as políticas de redução de danos holandesas, há a presença de uma ideia progressista de auxílio, de mudança do sistema. Mas na medida em que os usuários que lá frequentam são relatados como dependentes, doentes, a visão se torna conservadora, pois aplica um estigma negativo a estes indivíduos.

[43:37-44:07]

Áudio: *Música instrumental lenta*

Vídeo: *FHC falando e depois de volta à Sala de Consumo*

FHC: *É terrível ver isso, mas você vê também que ali está um doente e não um criminoso, e é isso que a Holanda está fazendo, ela está cuidando do doente, reduzindo o dano.*

Cedric Charvet: *Isso significa que limitamos o risco de overdose, isso é bastante claro... E também limitamos o compartilhamento de seringas entre usuários, o que diminui o risco de transmissão de doenças infecciosas, como o HIV ou hepatite C. Nas salas de consumo, conseguimos chegar ao menor nível de contaminação de HIV já atingido.*

Aqui, o conservadorismo presente na fala do ex-presidente da República e anfitrião do filme, Fernando Henrique Cardoso, pode constituir uma relação sistemática com a sua posição política. Em outros casos, a visão conservadora permanece. Isto é evidente na cena em que é mostrada a reportagem da Rede Globo, onde há a atribuição de estereótipos negativos condizentes com os valores da emissora.

[46:44-47:04]

Áudio: *sem áudio*

Vídeo: *reportagem da globo mostrando imagens de um parque com pessoas injetando drogas*

Narrador em off: *A polícia fazia vistas grossas. A ideia era restringir os viciados a uma área específica da cidade. Sob fiscalização discreta. Esta era a teoria. Mas na prática, o que os suíços criaram foi um foco de atração para traficantes, viciados e portadores do vírus da AIDS.*

Dessa forma, vê-se que há uma composição homogênea no primeiro filme, e heterogênea no segundo, variando de acordo com os contextos em que cada fala está inserida. O conservadorismo ou o progressismo presente nas falas varia de acordo com cada indivíduo, não necessariamente com a sua sub-categorização de pessoa influente ou especialista.

Finalmente, pode-se responder a proposição de Goffman “O que está ocorrendo aqui?” (PORTO, 2004, p. 76 apud GOFFMAN, 1986). O que acontece é que ao se pensar em usuários de drogas ignora-se a complexa realidade por trás da questão. Existe uma visão pré-concebida e de caráter negativo acerca desses indivíduos, baseada em estereótipos que desconsideram as condições político-sociais na qual estão inseridos. E, ao se refletir sobre estas questões, conclui-se que estes paradigmas, além de estarem baseados em valores obsoletos, não condizem com a realidade vivida e, portanto, existe a necessidade de formulação de novos métodos para que estes indivíduos sejam reinseridos na sociedade. Estes filmes, complementarmente, apresentam seus argumentos que compõem esta visão. Cada um, por sua vez, de acordo com o conjunto de valores guiados pelos diretores, havendo, portanto, em alguns casos, discrepâncias entre eles.

ANÁLISE DE RESULTADO

Destarte, é possível dizer que a tipologia dos enquadramentos presentes nos filmes é temática, pois cumprem a função de

explorar as relações entre antecedentes e consequências segundo diferentes perspectivas, considerando as expectativas das pessoas afetadas e os resultados previstos de acordo com visões diversas, além de examinar influências macroestruturais, tendências históricas, alternativas, possibilidades, exemplos de outras regiões ou países, possíveis obstáculos etc. (ROTHBERG, 2007)

Esse tipo de cobertura exige a exploração do alcance de eventuais contradições e conflitos entre visões distintas de forma a oferecer explicações sobre elas. Outra característica importante do enquadramento temático é que ele envolve equilíbrio e pluralismo, sendo que este corresponde "a um tratamento compreensivo de causas, consequências e da diversidade de fatores que concretamente influenciam a definição e a implementação de políticas públicas." (ROTHBERG, 2007)

O documentário “Cortina de Fumaça” apresenta relatos de especialistas de diferentes âmbitos da sociedade, provenientes de diferentes países a fim de compor um plano de fundo sobre a questão da maconha ao redor do mundo e em relação às outras drogas. A análise do filme é feita a partir da apresentação de opiniões de especialistas, entre eles médicos, trabalhadores da área jurídica, neurologistas, policiais, agricultores. Dessa forma, aborda questões como o uso medicinal, o recreativo, o papel histórico e a criminalização.

Já o documentário “Quebrando o Tabu”, tem como papel de fundo as diretrizes lançadas na Declaração da Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia de 2008 onde são propostos novos paradigmas para se tratar a questão das drogas na América Latina, tendo em vista a falha da política de repressão. O filme tem como personagem principal o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, um dos signatários da Declaração, que parte em busca de relatos para propor uma solução para a questão. Parte-se do princípio de que o método utilizado por Cardoso em seus oito anos de governo foram ineficientes devido à pouca atenção dada por ele a este assunto. Dado isto, o anfitrião conversa com presidiários, ex-presidiários, movimentos sociais, líderes políticos, médicos. Também viaja para outros países para entender como funcionam as políticas públicas para lidar com os usuários de drogas.

Os filmes em questão se inserem no modo expositivo segundo a tipologia dos documentários apresentada por Nichols (2005). Isso se dá devido às suas composições de dirigirem-se diretamente ao espectador propondo perspectivas ou argumentos. Outra característica importante são as lógicas informativas transmitidas verbalmente que compõem o argumento do filme. As imagens são secundárias, aparecem como ilustrações daquelas. A montagem desempenha o papel de continuidade do argumento desenvolvido, sendo chamada de montagem de evidência.

CONCLUSÕES

Retomando o panorama apresentado sobre os documentários em questão, é evidente as diferenças das propostas de análise adotadas pelos diretores. Cada um à sua maneira, apresentam realidades sobre um assunto que é pouco abordado no cotidiano das mídias tradicionais. Nota-se, portanto, a necessidade de se tomar esclarecimentos sobre o

assunto que se apresenta de forma mistificada para a maioria da população. É possível dizer que, de uma maneira geral, as abordagens demonstradas são complementares no âmbito de proporem pontos de vista distintos sobre o mesmo assunto e contando com a colaboração de diversos especialistas que conferem credibilidade aos discursos apresentados.

Assim, é possível afirmar que, como demonstrados nos filmes, as consequências diretas para o consumo de drogas consistem, principalmente, em alteração da consciência, possibilidade de dependência química e de transmissão de doenças como o vírus da AIDS. Indiretamente, têm-se a necessidade de intervenções na esfera social para o auxílio dos indivíduos em situação de dependência.

Complementar a isso, há a proposição de questionamentos acerca da realidade da proibição e da criminalização do uso de entorpecentes. Alguns pontos relevantes são a trajetória histórica de guerra contra as drogas que contém raízes preconceituosas, tanto no âmbito racial, quanto em relação à pobreza, a falta de dados em relação aos reais riscos e benefícios sobre cada substância, o desperdício dos potenciais medicinais e econômicos da *cannabis*, o moralismo envolvido na proibição, a superlotação dos presídios que não alteram a estrutura do tráfico, a necessidade de políticas públicas para o auxílio médico e social de reintegração social dos usuários. É importante ressaltar que todas essas questões aqui descritas, ou a negligência delas, provocam uma estigmatização negativa dos usuários que se mantêm à margem da sociedade e sem vias favoráveis de reinserção. A reflexão proposta pelos documentários, então, é que existe a necessidade de alteração dos obsoletos paradigmas vigentes para que haja uma modificação concreta nas estruturas a fim de beneficiar a sociedade como um todo.

O conhecimento de especialistas é retratado através de argumentos bem construídos em torno de suas pesquisas e experiências, de maneira a garantir a fiabilidade de seus discursos. As diferenças das abordagens se dão, principalmente, em relação ao consumo recreativo das drogas. O primeiro filme constrói sua argumentação de forma a questionar paradigmas do consumo em todos os seus âmbitos: não há uma hierarquização de importâncias, já que a alteração da consciência é historicamente realizada e consiste em uma decisão individual. O segundo, por sua vez, foca na questão da saúde, de como deveriam existir políticas para ajudar os dependentes a saírem das drogas (ou

sobreviverem com elas), já que elas causam destruição no corpo, na mente e na sociedade.

O argumento construído pelo primeiro filme consiste em uma busca pela desmistificação de ideias que há muito não se contestavam. Os velhos paradigmas são desconstruídos um atrás do outro, causando uma sensação de desconforto no espectador que passa a se questionar sobre os seus próprios valores. O resultado do filme é bastante positivo ao gerar questionamentos sobre os argumentos apresentados, se tornando uma fonte básica de conhecimento sobre o tema. O argumento do segundo filme, como já dito anteriormente, é composto por alguns valores ambíguos que se misturam ao longo das falas. Apresenta importantes relatos acerca das realidades apresentadas, mas peca em enquadrar o consumo de drogas como algo essencialmente negativo. Assim, busca maneiras para se reduzir os problemas sociais e de saúde dos usuários, mas mantém uma postura conservadora em relação às liberdades individuais na utilização de entorpecentes. Este ponto, entretanto, não retira totalmente o mérito do filme que mantém sua relevância enquanto ferramenta de propagação de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. A. **O filme do documentário e a construção da história: Getúlio Vargas, de Ana Carolina.** Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria. v. 10, n.17, jan./jun., 2007, p. 41-56.

ARAUJO, T. **Almanaque das Drogas.** São Paulo: Leya, 2012.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Agendamento da Política.** In. Comunicação & Política: conceitos e abordagens. UNESP, 2004.

BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.

CARLINI, Elisaldo. **O BRASIL DEVERIA DESCRIMINALIZAR A MACONHA? SIM.** In. Folha de São Paulo, fevereiro 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/02/1405931-o-brasil-deveria-descriminalizar-a-maconha-sim.shtml>>. Acesso em 1 março 2014.

CARVALHO, Márcia. **O documentário e a prática jornalística.** In. Revista Pj:Br. ECA - USP. São Paulo, n. 7, 2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm>. Acesso em 27 fevereiro 2014.

CORTINA DE FUMAÇA. Direção: Rodrigo Mac Niven. 88 minutos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=m8auXBla9Hk>>. Acesso em 10 fevereiro 2014.

DECLARAÇÃO DA COMISSÃO LATINO-AMERICANA SOBRE DROGAS E DEMOCRACIA. Disponível em: <

http://www.drogasedemocracia.org/Arquivos/declaracao_portugues_site.pdf >. Acesso em 1 março 2014.

DÓRIA, Rodrigues. **“Os fumadores de maconha: efeitos e males do vício”**. In Anthony Henman e Osvaldo Pessoa Jr (orgs), Diamba Sarabamba: coletânea de textos brasileiros sobre a maconha. São Paulo, Editora Ground, 1986, pp. 19-38

GITLIN, T. **The whole world is watching**. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press.

HACKETT, Robert. **Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos**. In Nelson Traquina, (Org.) *Jornalismo: Questões, teorias e "estórias"*, Lisboa: Vega, pp.101-130.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2005.

NUTT, D. **Estimating drug harms: a risk business?** Centre for Crime and Justice Studies. Londres, 2009.

PASSEK, Jean-Loup. **Dictionnaire du Cinéma**. Larousse, 2001. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1200501s/f2.image.r=Cin%C3%A9ma.langES>>. Acesso em 13 maio 2014.

PORTO, Mauro, P. **Enquadramentos da Mídia e Política** In. ALBINO, Antonio, RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens*. UNESP, 2004.

QUEBRANDO O TABU. Direção: Fernando Grostein Andrade. 80 minutos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=tKxk61ycAvs>>. Acesso em 9 fevereiro 2014.

RAMOS, F. P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** SENAC. São Paulo, 2008.

RODRIGUES, F. **A concentração midiática brasileira e a desejada liberdade de expressão**. Alcar. Fortaleza, 2009.

ROTHBERG, D. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Sergipe, novembro de 2007.

SAAD, L. **Medicina Legal: o discurso médico, a proibição da maconha e a criminalização do negro**. Revista ABPN. v. 1, n. 2 – jul.- out. de 2010, p. 103-111

SEGURADO, R. **Documentário e percursos da vida contemporânea**. Aurora, 1: 2007.

SITUAÇÃO NOS PRESÍDIOS EXPÕE GUERRA CONTRA A POBREZA, DIZ SOCIOLOGA. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1396192-situacao-nos-presidios-expoe-guerra-contra-pobreza-diz-sociologa.shtml>>. Acesso em 5 março 2014.

VIEIRA, F. V. **A evolução do documentário brasileiro**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.